



---

O ITINERÁRIO DA FILOSOFIA BRASILEIRA: REFLEXÕES  
FILOSÓFICAS DO GRUPO DE ESTUDO EM FILOSOFIA  
BRASILEIRA (GEFIBRA)<sup>1</sup>

---

---

THE ITINERARY OF BRAZILIAN PHILOSOPHY: PHILOSOPHICAL  
REFLECTIONS OF THE STUDY GROUP ON BRAZILIAN  
PHILOSOPHY (GEFIBRA)

---

Sandonaity Monteiro Amorim Júnior<sup>2</sup>

**RESUMO**

Há aproximadamente dois anos o grupo de estudo em filosofia sistemática brasileira da Faculdade Católica de Fortaleza (FCF) iniciou suas atividades debatendo sobre o itinerário filosófico do Brasil desde a época colonial até a contemporaneidade. Percebeu-se com tal análise que foram os padres jesuítas que deram início e preservaram os discursos metafísicos na filosofia brasileira, entretanto tais debates metafísicos foram ficando muito defasados por conta do apogeu da era tecnicista. Neste sentido, o contexto filosófico brasileiro se viu por muito tempo dominado por pensamentos positivistas, sem que houvesse filósofos que conseguissem reaver solidamente um debate metafísico forte o bastante para barganhar com as correntes positivistas reinantes. Entretanto surgem no século XX dois grandes pensadores que não só trouxeram para o Brasil uma nova base metafísica, como também se apresentam como frutos de uma nova era filosófica brasileira, onde os filósofos são tidos como pensadores mais preocupados em desenvolver uma filosofia mais enraizada na cultura brasileira, além de também deter uma preocupação metodológica.

**Palavras-Chave:** Brasil. Filosofia. Influências. Itinerário.

**ABSTRACT**

About two years ago, the study group on Brazilian systematic philosophy at the Catholic University of Fortaleza (FCF) began its activities by debating the philosophical itinerary of Brazil from colonial times to contemporary times. It was noticed with such an analysis that it was the Jesuit priests who initiated and preserved the metaphysical discourses in Brazilian philosophy, however such metaphysical debates were getting

---

<sup>1</sup> Artigo escrito sob a orientação da Profa. Dra. Maria Celeste de Sousa.

<sup>2</sup> Graduando em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). E-mail: sandonaity@gmail.com.

very out of step due to the heyday of the technicist era. In this sense, the Brazilian philosophical context has for a long time been dominated by positivist thoughts, without having philosophers who could solidly recover a metaphysical debate strong enough to bargain with the prevailing positivist currents. However, in the 20th century, two great thinkers emerged that not only brought a new metaphysical basis to Brazil, but also presented themselves as the fruit of a new Brazilian philosophical era, where philosophers are considered as thinkers more concerned with developing a philosophy more rooted in society. Brazilian culture, in addition to also having a methodological concern.

**Keywords:** Brazil. Philosophy. Influences. Itinerary.

## Introdução

Este artigo é fruto de um laborioso estudo acerca da filosofia sistemática brasileira realizado pelo Grupo de Estudo em Filosofia Brasileira (GEFIBRA) ao longo de dois anos. A maneira como as seções deste artigo estará disposta não seguirá necessariamente uma linha cronológica, nem seguirá precisamente uma sistemática de conteúdo ou de tema, mas terá como linha condutora os três temas trabalhados no grupo de estudo. O primeiro tema focará no modo como a filosofia foi se desenvolvendo no contexto brasileiro, tentando observar: quais as principais correntes filosóficas influenciaram os primeiros pensadores no território brasileiro; quais eram os déficits destes primeiros “filósofos” e, principalmente, quais eram as consequências da influência europeia no desenvolvimento intelectual no Brasil. A segunda seção terá como ponto de partida uma análise introdutória da filosofia de Manfredo Araújo de Oliveira, este que é considerado o maior filósofo brasileiro ainda atuante. Por fim o último tópico se fixará em demonstrar o modo como Lima Vaz introduz um debate antropológico acerca da realidade cultural do Brasil.

O GEFIBRA é um grupo de estudo que teve seu início em meados de 2019. A princípio o objetivo do grupo era realizar um estudo sobre como o pensamento filosófico se encontra no Brasil nos dias atuais e como ele chegou à sua atual configuração, ou seja, qual foi seu itinerário formativo. Para tanto dois textos serviram de base para estas questões: *O pensamento filosófico no Brasil de hoje* de H. C. Lima Vaz; além deste texto também foi usado o livro *A filosofia contemporânea no Brasil: conhecimento, política e educação*, que tem como autor Antônio J. Severino. Com a

chegada do aniversário de 80 anos de Manoel A. de Oliveira o grupo resolveu focar no estudo deste filósofo, tendo como objetivo principal conhecer a biografia e as obras de Manoel Oliveira, pesquisar a sua contextualização histórica, as suas matrizes filosóficas, os seus parâmetros interpretativos e as suas temáticas. Para concretizar tal empreitada foi utilizado também dois textos norteadores: *A filosofia na Crise da modernidade*; e o segundo texto tem o título: *Da filosofia da subjetividade à filosofia do Ser. resumo programático*, vale destacar aqui que este escrito foi cedido de forma inédita para o GEFIBRA pelo próprio autor, ou seja, este é um texto ainda não publicado. No mesmo ano em que Manoel comemorava seus 80 anos o Brasil também comemorava os 100 anos de nascimento de Lima Vaz, por isto, após concluir o estudo acerca de Manoel o GEFIBRA se voltou para a análise da antropologia filosófica de Vaz, esta que era a principal área do pensamento deste filósofo, mas para que o grupo pudesse desenvolver um debate mais embasado sobre sua antropologia foi colocado como diretriz o estudo do conceito de pessoa, ou seja, o grupo se deteve em compreender o lugar, a importância e a significado deste conceito no sistema filosófico de Lima Vaz.

## **1 Filosofia como algo coextensivo à história da humanidade**

Quando e como iniciou a filosofia na história da humanidade? Essa pergunta é difícil de responder, porque a filosofia é tão antiga quanto a humanidade. Muitas vezes se atribui ao período pré-socrático como sendo o momento em que a filosofia surgiu, entretanto afirmar tal coisa é, de certa, forma errado, pois os pré-socráticos apenas sistematizaram as diversas perguntas que a humanidade já vinha laboriosamente se questionando. Em outras palavras, o período pré-socrático somente fomentou o início da filosofia sistemática, mas não foi ali que houve o início da filosofia mesmo. Neste sentido não se pode dizer que no Brasil não havia filosofia até o momento que os colonizadores chegaram, pois os índios já praticavam a filosofia. Já que, nas palavras de Antônio J. Severino (2011, p. 21), o filosofar pode ser considerado em sua primeira modalidade

[...] como uma elaboração implícita, um dimensionamento quase que espontâneo da consciência humana. Pelo simples fato de exercerem seu poder de pensar, praticando sua consciência, os homens elaboram formas

de reflexão que já tem a ver com a significação de sua própria existência, de seu agir, de seu ambiente natural, de seu contexto social, de sua história. Elabora um pensamento interpretativo de seu contorno, embora não explicitamente.

Ou seja, filosofia, de maneira simples, é a natural busca humana por uma verdade absoluta, pelas causas últimas da realidade, ou ainda se poderia dizer que filosofia é a característica humana de querer abarcar a totalidade do real, em outras palavras, o homem detém como característica própria dele o perguntar, perguntar quem ele é, perguntar qual o seu papel no cosmo, ou seja, o homem é essencialmente “um ente filosófico”, como afirma o filósofo Manfredo A. de Oliveira (2001, p. 154), de forma ainda mais esplendorosa este filósofo também explana que “o homem só filosofa porque é filosofia”. Ou seja, mesmo quando o homem não está preocupado em sistematizar uma resposta para suas perguntas filosóficas, mesmo quando este apenas é um simples camponês, ou um índio, que está mais preocupado em se alimentar e cuidar de sua família ou tribo, mesmo essas pessoas buscam de alguma forma “o saber, o saber da totalidade” (OLIVEIRA, 2001, p. 155). Os índios, por exemplo, enraízam seu conhecimento na mitologia assim como os gregos também fizeram, para eles o todo era ordenado pelos deuses, qualquer pergunta que se fizesse tinha sua resposta extraída diretamente desse entendimento, se alguém perguntasse o porquê de estar chovendo, ou o porquê de não estar chovendo, logo se respondia que esse era o querer de um certo deus; até perguntas mais complexas também tinham suas respostas nos deuses, tais como: Por que eu existo? Por que o universo existe em vez do nada absoluto?

Os pré-socráticos, por exemplo, procuraram resposta no mundo empírico, nos elementos que poderiam ser encontrados no mundo dos sentidos. Platão, por sua vez, fomentou a ideia de um mundo das formas onde a realidade poderia se fundamentar. Depois de Platão veio Aristóteles e depois vieram os helênicos, os medievais e os modernos, e cada um ao seu tempo e a sua maneira instigava e colaborava com os principais questionamentos da humanidade. Mas claro que a cada período da história surgiam meta-discursos que serviam de linha condutora para quase todos os debates, no medievo a principal questão era saber como se poderia unir o pensamento racional filosófico com a teologia dogmática, no período helênico a preocupação era saber se alguém poderia ser feliz sem ter uma vida política. A modernidade também trouxe um

meta-discurso único: razão, aqui a atenção está na tentativa de fundamentar a realidade apenas no Eu teórico, a principal corrente que surge nesta época é o idealismo tendo como principal expoente Emmanuel Kant.<sup>3</sup>

### *1.1 Início da filosofia sistemática no Brasil*

Ora, assim como a filosofia sistemática como um todo passou por diversas etapas, como foi apresentado, até poder ganhar consistência metodológica, no Brasil também não foi diferente. As primeiras grandes contribuições filosóficas vieram com os padres jesuítas enviados para o Brasil no período colonial para “educar” segundo os parâmetros da fé cristã, neste sentido os jesuítas instigavam um pensamento mais metafísico da realidade. Entretanto os jesuítas não foram os únicos a trazerem debates filosóficos, muitos outros aspectos da filosofia europeia também foram trazidos ao Brasil durante a colonização, e mesmo após tal período ter passado a filosofia no território brasileiro continuou sendo guiada pelos mesmos debates filosóficos que ocorriam na Europa, ou seja, por muito tempo não houve alguém que refletisse propriamente sobre a cultura brasileira, acerca deste assunto Antônio J. Severino (2011) explana que: seria como se os estudiosos brasileiros estivessem trabalhando para a Europa. Ainda segundo Severino não é possível negar os ensinamentos passados pelas filosofias estrangeiras, já que eles também ajudaram a sistematizar as discussões sobre a cultura brasileira, porém é necessário ir além, pois há perguntas tão específicas sobre a cultura brasileira que não conseguem obter respostas apenas tendo em vista a filosofia estrangeira. Claro que a cultura brasileira sofreu muita influência da cultura europeia, mas também não se pode negar as contribuições das culturas indígena e africana, portanto há no Brasil temáticas, ou melhor, problemas que precisam de uma apreciação filosófica única.

De qualquer maneira as pautas filosóficas debatidas na Europa continuaram atraindo os filósofos brasileiros, na modernidade, por exemplo, quando houve o advento do tecnicismo a filosofia europeia começou a enveredar pelos caminhos tortuosos do positivismo, do pragmatismo, do cientificismo e do materialismo, por causa disso no Brasil começaram a surgir diversos autores com a mesma linha de

---

<sup>3</sup> Para compreender melhor como cada período da história que instiga o nascimento de uma nova filosofia ler (HEGEL, 2014).

pensamento, tais como: Clóvis Beviláqua, Tobias Barreto e Silvio Romero. O interesse por adentrar no positivismo foi tão grande que logo surgiram também movimentos intelectuais que corroboraram para o desenvolvimento deste pensamento no Brasil, um destes movimentos foi a Escola de Recife, esta escola, assim como a Escola de São Paulo, foi um movimento jurista, mas não se pode negar suas contribuições nas discussões filosóficas; nesta perspectiva Lima Vaz (1961, p. 2) afirma que: “as melhores páginas filosóficas da literatura brasileira saíram da pena de cultores da ciência jurídica, pois que eles formavam a imensa maioria dos que tinham acesso a um nível superior de cultura”. Ainda sobre esse movimento importantíssimo que foi a escola de Recife vale destacar que seu interesse pelo positivismo se desenvolve de forma paralela às apreciações feitas acerca da teoria da seleção natural de Darwin, juntas essas duas correntes “repercutiram no Brasil como instrumentos de combate político [...]” (CERQUEIRA, 2011, p. 180), e claro que o epicentro de tudo isso foi a escola de Recife.

Ademais não se pode esquecer que a tradição metafísica ainda era sustentada pelas escolas católicas, mesmo a contragosto do positivismo reinante. Tal metafísica marcava presença como uma linha de pesquisa da filosofia tomística-aristotélica e platônica-agostiniana, que foi preservada por meio dos padres jesuítas. Sobre a importância dos jesuítas para a identidade filosófica brasileira vale ressaltar o que Luiz Alberto Cerqueira (2011) falou, pois segundo ele por mais de dois séculos os jesuítas eram praticamente os únicos a disseminar conhecimento no Brasil utilizando o método pedagógico *Ratio Studiorum*. Sendo assim logo começou a surgir um embate muito grande entre estas duas linhas de pensamento. Um dos escritores que apresenta este contexto de crítica ao positivismo por meio da metafísica clássica é o filósofo Farias Brito, entretanto este filósofo não nega que as descobertas da ciência sejam importantes.

Para ele, há uma condicionalidade originária entre o ‘conhece-te a ti mesmo’ e a ideia de ciência. Tal condicionalidade configura o ideal grego do saber como algo virtuoso. E se a irrupção do método experimental introduzido pelos físicos modernos implica a necessidade do saber filosófico, a partir do século XVII a ciência se constituiu em condição para toda a atividade filosófica (CERQUEIRA, 2011, p. 186).

Mas antes de falar propriamente sobre esse embate é preciso destacar aqui o problema da filosofia neste período. Sobre isto, o filósofo Henrique Claudio de Lima Vaz (1961) chama a atenção para algo que era muito comum nesta época: o autodidatismo. O próprio Farias Brito foi um autodidata, isto é, estudava filosofia sem muita orientação pedagógica. Segundo Lima Vaz este foi um dos grandes motivos para os escritores brasileiros apresentarem pesquisas com base na cultura europeia, ou seja, os infindáveis debates entre positivistas e metafísicos eram muito ricos, porém não contribuíam muito para compreender a real situação brasileira. Até porque seria exigir demais que juristas realizassem a empreitada de formular sistemas filosóficos profundos, para estes só restava um estreito caminho de curiosidade: o autodidatismo. Nas palavras de Severino (2011, p. 24): “a grande maioria de nossos pensadores desenvolve seu esforço teórico deixando-se guiar por algum modelo filosófico já constituído”, ou seja, tais autores apenas ecoavam o já dito. O próprio Silvo Romero reconhece essa realidade, segundo ele era necessário buscar nos autores estrangeiros alguma inspiração. Para este autor este contexto era mais uma necessidade do que uma opção:

Na evolução filosófica [da cultura alemã], Kant dá Fichte; este dá Shelling e, por uma razão imanente ao sistema, aparecem, ao mesmo tempo, Hegel e Schopenhauer [...] neste país, ao contrário, os fenômenos mentais seguem outra marcha; o espírito público não está ainda criado e muito menos o espírito científico [...] As ideias dos filósofos, que vou estudando, não descendem umas das dos outros [...] É que a fonte onde nutriam suas ideias é extranacional. Não é um prejuízo; antes equivale a uma vantagem. (ROMERO apud CERQUEIRA, 2011, p. 182).

Entretanto Lima Vaz relata que esse autodidatismo característico de muitos autores antes da criação das universidades fez com muitos trabalhos fossem invalidados, pois os escritores não apresentaram um sistema de escrita mais metodológico. Depois da inauguração das universidades os trabalhos começaram a ganhar mais consistência sistemática, segundo Lima Vaz um dos autores frutos dessa sistematicidade é Miguel Reale.

Voltando a discutir a questão da reação ao positivismo aqui no Brasil, vale ressaltar que foi esta reação que fomentou diversas linhas de pesquisas, tais como: o existencialismo fenomenológico de inspiração heideggeriana, a fenomenologia-hermenêutica de inspiração husseliana; o culturalismo e, até mesmo, surgiu uma

corrente marxista. Cada uma destas correntes buscava de alguma maneira ou aproximar ciência e humanismo ou apenas estavam querendo romper com o positivismo de Comte para restaurar a metafísica. Neste sentido Severino apresenta o pensamento de Constança Marcondes César, que ratifica que o impacto do positivismo marcou profundamente a cultura brasileira, isto obrigou cada pensamento

a se posicionar frente a ele. O positivismo impregnou a própria mentalidade das pessoas, passando a incorporar o seu senso comum, moldando assim a cosmovisão cultural como um todo. Assim a própria tradição aristotélico-tomista e platônico-agostiniana, matriz originária de nossa amoldagem cultural, se vê forçada a rever sua direção intelectual, dada essa interferência histórica do positivismo (SEVERINO, 2011, p. 29).

Lima Vaz (1961, p. 2) fez alusão a esse contexto brasileiro quando na introdução do texto *O Pensamento Filosófico no Brasil de hoje* traz à tona a seguinte frase de João Ribeiro: “Não há raça mais refrataria à Metafísica de que a nossa”. Entretanto mesmo com esse contexto refratário não se pode negar que surgiram diversos filósofos brasileiros que beberam na fonte da metafísica clássica e trouxeram vivas reflexões contemporâneas, neste sentido talvez o filósofo Lima Vaz seja o principal nome que possa ser apresentado aqui. Em sua filosofia é possível perceber claramente três fases bem distintas, mas que se articulam em um sistema muito bem sistematizado. A primeira fase começa com o estudo dos filósofos clássicos, como Platão e Aristóteles, além de alguns filósofos medievais, entre os quais Tomas de Aquino. Após essa fase Vaz se dedica a compreender o mundo contemporâneo e, por fim, a última fase do pensamento vaziano desemboca em uma crítica a este mundo, crítica esta que prioriza a reflexão acerca do impacto das ciências matemáticas no entendimento que o homem tem sobre si mesmo e no modo como o homem compreende o mundo que o circunda.

## **2 Manfredo Araújo de Oliveira: um filósofo brasileiro**

Assim como Lima Vaz o filósofo brasileiro Manfredo Araújo de Oliveira é sem dúvida um ferrenho defensor dessa retomada da metafísica como ponto de partida para compreender a realidade contemporânea. Mas para entender como este filósofo realiza tal empreitada é preciso antes analisar algumas características biográficas dele. Manfredo nasceu no dia 27 de fevereiro de 1941, ainda com tenra idade ingressa



no seminário e no dia 07 de setembro de 1968 foi ordenado sacerdote. No seminário vale destacar que Manfredo recebeu muita influência de alguns padres holandeses, que o auxiliaram na aprendizagem do grego e do inglês. Sua formação inicial de filosofia ocorreu na antiga Faculdade de Filosofia de Fortaleza, depois fez mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e doutorado em Filosofia pela Universidade Ludwig Maximilian de Munique. Foi principalmente durante seu doutorado que ele recebeu muita influência de pensadores como: Max Müller, Heidegger, Hegel, Kant e Puntel; foi de Heidegger, por exemplo, que ele aproveitou o conceito de Ser, conceito esse que será usado como base, em Manfredo, para entender como as duas manifestações da realidade, objetividade e subjetividade, relacionam-se. Além disso, tais filósofos serão necessários para que Manfredo desenvolva uma crítica a contemporaneidade, que supervaloriza a ciência e a técnica e desvaloriza a religião e a ontologia, ou seja, esse filósofo é ferrenho crítico também da redução da racionalidade ao tecnicismo. Ora,

Nosso tempo encontra-se sob a hegemonia do saber científico e isto significa que os grandes sucessos da empiria em todos os campos da experiência humana, fizeram com que o imediatamente experimentável aparecesse como o fim suficiente de tudo o que o homem faz. A riqueza inesgotável do mundo dos entes, as conquistas sempre novas na esfera do fático, o acúmulo de poder por meio da apropriação soberana do mundo dos fatos no saber sobre os fatos, tudo isso contribuiu para ocultar o ser e a essência transempíricos e terminaram fazendo com que a mentalidade contemporânea considerasse os próprios fatos como os únicos propriamente positivos, como a verdadeira realidade. É o reinado do positivismo e a negação da filosofia, enquanto tal (OLIVEIRA, 2000, p. 105).

Isto é um problema para Manfredo, pois a ciência para ele não é capaz de abarcar a complexa totalidade do ser, isto porque a ciência vai se particularizando, ou melhor, se especializando em campos de pesquisa onde dedica todo seu esforço para entender apenas um pequeno fragmento do Ser, isto não é necessariamente ruim, mas pode se tornar a partir do momento em que a ciência acreditar ter atingido o ápice do conhecimento quando isto não é verdade. Nas palavras do próprio Manfredo (2013, p. 184):

As ciências tratam seus objetos a partir de uma perspectiva particular, específica dos diferentes campos, com a finalidade de sua compreensão, e não simplesmente de acumular fatos. Assim, mesmo que, como é uma tendência importante hoje, as ciências busquem considerar o mundo

experimental pelo ser humano como uma totalidade, a consequência dessa posição e que sua consideração é sempre feita a partir da ótica específica da ciência, ou seja, de uma ótica particular no sentido explicitado.

Entretanto, Manfredo é um filósofo que reconhece que a ciência e a filosofia são dois campos do saber que de maneiras diferentes buscam abarcar a mesma coisa: conceituar a realidade. Todavia enquanto a filosofia tematiza a realidade tentando ver as relações em seu todo, isto é, a filosofia se preocupa em mostrar qual o lugar de cada ente em relação à totalidade, a ciência reduz seu campo de ação ao tematizar apenas as estruturas particulares do ser, neste sentido, a ciência tem uma visão parcial da realidade quando comparada a filosofia.

Aqui se deve entender que Manfredo toma cuidado para não rechaçar por completo as ciências, pois os dados obtidos por elas são de extrema importância para os debates filosóficos. Um exemplo disso é a utilização de premissas básicas da ciência como ponto de partida para os discursos filosóficos, tais como: o homem é um ser orgânico; o homem está sujeito a relações espaço-temporais e etc. Em suma, a ciência repassa à filosofia a premissa de que o homem é fruto deste mundo, é uma parte da natureza. A partir daí a filosofia começa a desenvolver outras conclusões lógicas com base nestas afirmações científicas, tais como: o ser humano é contingente; o homem possui limitações; o corpo é um princípio de individuação, pois é ele que possibilita a interação do homem com o mundo e etc. Deste modo Manfredo conseguiu demonstrar que quando filosofia e ciência andam juntas é possível extrair afirmações de grande valia acerca do homem, como por exemplo: Eu sou no mundo; Eu me relaciono com o mundo, mas também sou diferente deste mundo; e assim por diante. Neste sentido, vale salientar que o mundo é, para Manfredo, neste momento o mundo da unidade objetiva.

Em relação com esse mundo o homem, diferente dos animais, não age somente segundo os ditames das relações instintivas (estímulo-resposta), sendo assim o homem não apenas deixa rastros biológicos/orgânicos, mas deixa algo mais, isto é conclusivo pelo fato de que o homem consegue transcender sua realidade, ou seja, consegue se “distanciar” tanto desse mundo objetivo quanto de si mesmo. Ao fazer isto o ser humano acaba percebendo que o todo é bem mais complexo do que parece, que o todo é um monte de interconexões, assim o homem acaba percebendo também que ele mesmo é uma configuração de muitas dimensões e que em última

instância tudo isso forma domínios, domínios estes que também sustentam interconexões entre si, em outras palavras, tudo isso que o homem percebe ao transcender nada mais é do que o seu mundo, porém este é apenas o mundo teórico, ou seja, não se pode esquecer que ainda existe o mundo da práxis. Mas como poderia haver alguma relação entre realidades tão distintas?

Manfredo é muito cauteloso em falar que essa relação entre o mundo prático e o mundo teórico só é possível porque os dois emergem de um único e mesmo Ser primordial. Tentar abarcar essa totalidade é o ápice da transcendência humana. Neste sentido, para Manfredo, sempre que o homem quer presentificar o sentido de algo em relação ao todo ele deve se distanciar de si mesmo e do mundo para poder chegar à totalidade. Mas aqui não se pode esquecer que o homem faz tudo isso sem sair do mundo empírico, portanto, para resolver esse dilema, esse filósofo brasileiro relata que é o espírito do homem que detém essa capacidade de transcender, é esse espírito que consegue ao mesmo tempo ser extensivo a toda realidade e ainda abarca todo um conjunto infinito de possibilidades.

Neste momento da argumentação já deve ter ficado claro o suficiente que o conceito de Ser primordial em Manfredo tem mais proximidade com o conceito de Ser em Heidegger do que com o modo como se entendia o Ser na metafísica clássica, pois para os filósofos clássicos o Ser estava no campo da objetividade, ou seja, o Ser era mais um ente do que necessariamente o Ser da totalidade. Manfredo também observa que com a modernidade esse contexto não melhorou, pois os modernos, principalmente depois de Kant, começaram a tirar o Ser do campo objetivo e o colocaram no campo da subjetividade, ao fazer isto tais filósofos apenas complicaram mais as coisas, pois deram tanta autonomia ao sujeito que o abismo entre o sujeito e o objeto ficou cada vez mais profundo. Em suma, o Ser de Manfredo nem é o Ser subjetivado, nem é o Ser objetivado, mas sim o Ser da totalidade, já que é dele que parte tanto o mundo objetivo quando o mundo subjetivo, em outras palavras, o Ser aqui é a condição de possibilidade da relação entre sujeito e objeto, pois ele é anterior a estes, isto é, o Ser de Manfredo é a identidade originária do todo. Em suma, essa identidade originária “trata-se de uma unidade anterior ao encontro concreto entre os dois pólos e que justamente enquanto anterior torna o encontro concreto possível. A identidade que vislumbramos aqui é a dimensão na qual homem e mundo se enraízam

e se correspondem, é a *dimensão possibilitante* do encontro entre ambos” (OLIVEIRA, 2001, p. 150).

Após tanto labor, Manfredo consegue à sua maneira contribuir para a restauração de um discurso metafísico na contemporaneidade, discurso esse que perpassa por diversos campos do saber, tais como: a epistemologia, a ética, a religião, a política e a antropologia. Em cada uma destas áreas Manfredo inicia seu discurso sempre demonstrando a necessidade de uma unidade originária para se chegar à verdade. Em sua antropologia, por exemplo, Manfredo (2001) diz que é a unidade originária quem manifesta o sentido da existência do homem.

### **3 A antropologia filosófica em Lima Vaz**

Lima Vaz é um filósofo que, em questões cronológicas, é anterior à Manfredo, porém quando o assunto é sobre antropologia filosófica, Vaz se destaca, pois este possui um sistema de antropologia muito mais amplo e aprofundado. Isto se dá pelo fato de que Lima Vaz está estreitamente preocupado com as consequências do niilismo dentro da filosofia, pois ele percebe que a abolição dos valores metafísicos, que é algo característico do niilismo, está modificando a imagem de homem nas sociedades tecnológicas da contemporaneidade.

Vaz inicia com mais força sua crítica a contemporaneidade depois da década de 70, período em que ele volta ao Brasil. Uma grande influência que muito auxiliou Lima Vaz nesta guinada filosófica foi Hegel, pois foi o sistema da dialética hegeliana que serviu de base para a reforma do sistema filosófico de Vaz, que antes era um sistema nos moldes aristotélico-tomistas. Isto ocorre porque ele acredita que a filosofia hegeliana é mais capaz de sintetizar o mundo contemporâneo, mundo este marcado compulsoriamente pelo cientificismo, positivismo, fisicalismo e etc. Para esse filósofo, tais modos de pensar levavam o homem ao patamar de mero funcionário do sistema capitalista, neste sentido “o mundo” já não consegue ter o homem como um fim, mas apenas como um meio, status este que faz com que todo valor ontológico do homem se esvaia. Em outras palavras a ciência moderna se mostrou capaz de realizar inúmeras tarefas, tais como: “estabelecer normas, formular hipóteses, enunciar teorias, verificar leis, propor modelos, simular situações, medir e calcular, produzir

quantidade enorme de objetos, mas se mostrou incapaz de pensar o simples-estar-no-mundo do sujeito” (OLIVEIRA, 2013, p. 50).

A busca vaziana por elaborar uma filosofia para o homem contemporâneo o leva a desenvolver um sistema antropológico integral, onde a totalidade e a unidade possam a combater o niilismo que é reinante no pensamento cientificista, e que apenas degrada a imagem metafísica de homem, deixa o homem sem casa, sem *ethos*, ou seja, o homem quando está sob a égide do niilismo fica sem rumo, sem nenhum sentido para viver. Esta reflexão acerca da realidade contemporânea leva Lima Vaz (1991) a ser reconhecido como filósofo realista, pois este observa as carências do real, ou melhor, do homem contemporâneo e, em consonância com E. Mounier, tenta entregar a tal homem uma sociedade personalista e unitária.

A antropologia integral de Vaz tem este nome porque ele se preocupa em mostrar o homem em tudo que lhe diz respeito: subjetividade, objetividade e intersubjetividade. Neste sentido é cabível dizer que Vaz está em busca de um ser do homem, para tanto ele desenvolve um conceito de sistema onde tal conceito tentará expressar discursivamente a realidade humana, isto é, ele apresenta uma análise do próprio ato de existir do homem, este que é um ser livre ao ponto de conseguir dizer: eu sou. Para chegar a este “eu sou” o homem deve si perceber como um ser psíquico, empírico e espiritual (VAZ, 1991). Estas dimensões deste ser não estão só na individualidade, ou melhor, singularidade do homem no presente, mas na história da humanidade, pois ele também é um ser histórico, ou melhor é um sujeito na história, porém em cada momento da história o ser humano busca uma forma diferente de chegar a tal conclusão.

Em sua pesquisa Vaz se utiliza de pólos epistemológicos para compreender o homem, tais pólos são: natureza, forma e sujeito. A natureza é o conjunto de todas as experiências existenciais do ser humano; a forma é a capacidade humana de dar sentido a sua realidade, as suas experiências, e por fim, o sujeito é esta relação entre a forma e a natureza, é o sujeito que através da forma consegue dar sentido ao seu mundo. Neste sentido, o homem, segundo Vaz, pode se apresentar como ser no mundo, ser com os outros e ser em si mesmo, este último é o homem em sua objetividade, em seu processo de autoconhecimento, o ser no mundo retrata, por sua vez, o homem em sua subjetividade e o ser com os outros é o ser humano em sua

intersubjetividade, é aqui onde o homem demonstra ser um ser cultural, um ser na história.

### **Considerações Finais**

Quando se analisa a filosofia brasileira se percebe que ela não detinha necessariamente uma preocupação de apresentar uma metodologia sistemática nos debates filosóficos, primeiramente porque os estudos acadêmicos propriamente filosóficos só começaram tardiamente, as primeiras faculdades se detinham prioritariamente no campo jurídico. Outro ponto que tem relação com isto e que colaborou para a falta de um debate sistemático na filosofia no Brasil foi o autodidatismo; ora, como todo campo do saber, os juristas necessitavam de alguma base filosófica, uma base que alicerçasse as suas argumentações, para tanto eles tentavam estudar a filosofia por conta própria, isto, por sua vez, causou um grave problema, pois fez com que aos primeiros debates filosóficos no Brasil fossem apenas reproduções daquilo que já era discutido na Europa, ou seja, não havia, necessariamente, neste momento algo que se possa chamar de filosofia brasileira, pois não havia ainda muitos pessoas filosofando profundamente sobre a cultura brasileira.

Com o início das faculdades e das universidades de filosofia o Brasil começou a apresentar pessoas que estavam mais preocupadas em abordar as questões culturais do Brasil. Este advento de debates filosóficos mais sólidos é marcado pelo surgimento de filósofos como Lima Vaz e Manfredo de Oliveira, foram estes que perceberam que a cultura brasileira estava sobre a égide de uma querela filosófica, onde de um lado havia a corrente positivista, que foi trazida para ao contexto brasileiro pela grande influência que a filosofia europeia exercia no contexto brasileiro, e do outro lado estava a corrente metafísica sustentada desde do período colonial pelos padres jesuítas.

Manfredo e Vaz se apresentam perante esse contexto como críticos das correntes: positivista, materialista, cientificista, entre outras. Para eles tais corrente não são capazes de tematizar a totalidade, pois fragmentam o Ser e focam apenas em uma pequena parte dele, com isto até mesmo o próprio homem é afetado, pois é igualmente fragmentado e visto apenas em sua dimensão empírica. Eis, pois, a

necessidade de reaver a metafísica, todavia a metafísica clássica não é mais capaz de barganhar com a contemporaneidade, por isto é que tais filósofos desenvolvem, a sua maneira, uma nova base metafísica, que no caso de Vaz será usada para apresentar a antropologia integral do homem e no caso de Manfredo se manifesta como uma tentativa de fundamentar a ideia de uma identidade originária, que sirva como condição de possibilidade do encontro entre mundo teórico e mundo da práxis.

## Referências

CERQUEIRA, Luiz Alberto. A ideia de filosofia no Brasil. **Revista Filosófica de Coimbra**. Coimbra, v. 20, n. 39, p. 163-192, 2011. Disponível em: <[https://www.uc.pt/fluc/dfci/public\\_/publicacoes/a\\_ideia\\_de\\_filosofia\\_no\\_brasil](https://www.uc.pt/fluc/dfci/public_/publicacoes/a_ideia_de_filosofia_no_brasil)>. Acesso em: 01.abr.2021.

GEORG, W. F. **Fenomenologia do espírito**. 9ª ed. Tradução de P. Meneses. Petrópolis: Editora Universitária São Francisco, 2014.

OLIVEIRA, C.M.R. **Metafísica e ética**. A filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao niilismo contemporâneo. São Paulo: Loyola, 2013. (Coleção Estudos Vazianos).

OLIVEIRA, Manfredo A. **A religião na sociedade urbana e pluralista**. São Paulo: Editora Paulus, 2013.

OLIVEIRA, Manfredo A. **A Filosofia na Crise da Modernidade**. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

OLIVEIRA, Manfredo A. **Diálogos entre Razão e Fé**. São Paulo: Editora Paulinas, 2000.

SEVERINO, Antônio J. **A filosofia contemporânea no Brasil**: conhecimento, política e educação. 6ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

VAZ, Henrique C. Lima. **O pensamento filosófico no Brasil de hoje**. 1961.

VAZ, Henrique C. Lima. **Antropologia Filosófica I**. 12ª ed. São Paulo: Editora Loyola, 1991.

Artigo recebido em: 11/05/2021.  
Artigo aprovado em: 29/05/2021.